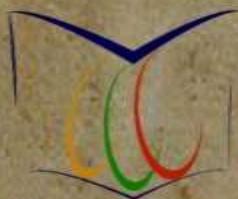


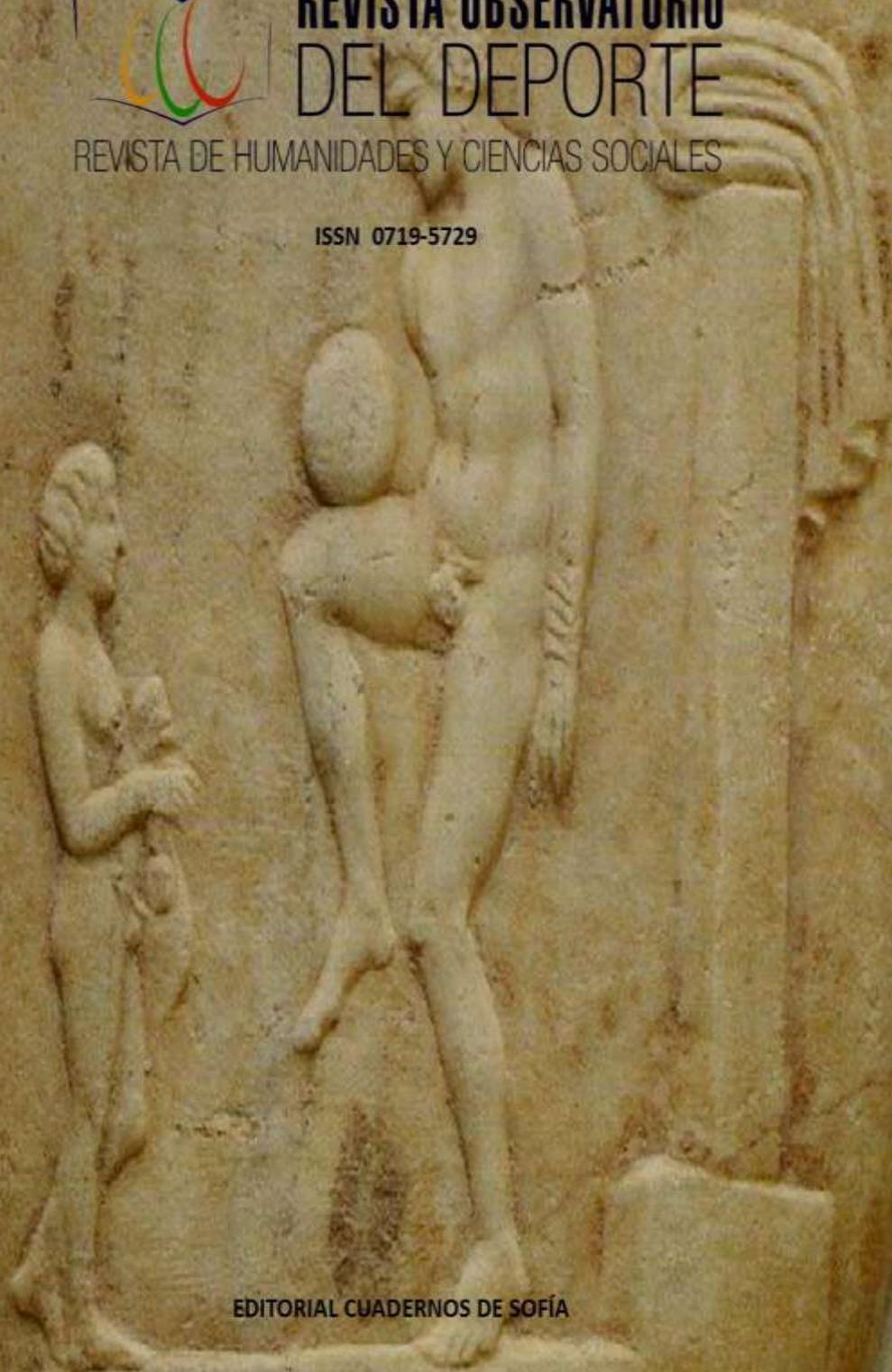
Volumen 5 - Número 1 - Enero/Abril 2019



# REVISTA OBSERVATORIO DEL DEPORTE

REVISTA DE HUMANIDADES Y CIENCIAS SOCIALES

ISSN 0719-5729



EDITORIAL CUADERNOS DE SOFÍA

## CUERPO DIRECTIVO

### Director

**Juan Luis Carter Beltrán**  
*Universidad de Los Lagos, Chile*

### Editor

**Juan Guillermo Estay Sepúlveda**  
*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

### Cuerpo Asistente

#### Traductora: Inglés

**Pauline Corthorn Escudero**  
*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

#### Traductora: Portugués

**Elaine Cristina Pereira Menegón**  
*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

#### Diagramación / Documentación

**Carolina Cabezas Cáceres**  
*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

### Portada

**Felipe Maximiliano Estay Guerrero**  
*Editorial Cuadernos de Sofía, Chile*

## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

## COMITÉ EDITORIAL

### Mg. Adriana Angarita Fonseca

*Universidad de Santander, Colombia*

### Lic. Marcelo Bittencourt Jardim

*CENSUPEG y CMRPD, Brasil*

### Dra. Rosario Castro López

*Universidad de Córdoba, España*

### Mg. Yamileth Chacón Araya

*Universidad de Costa Rica, Costa Rica*

### Dr. Óscar Chiva Bartoll

*Universidad Jaume I de Castellón, España*

### Dr. Miguel Ángel Delgado Noguera

*Universidad de Granada, España*

### Dr. Jesús Gil Gómez

*Universidad Jaume I de Castellón, España*

### Ph. D. José Moncada Jiménez

*Universidad de Costa Rica, Costa Rica*

### Dra. Maribel Parra Saldías

*Pontificia Universidad Católica de Valparaíso,  
Chile*

### Mg. Aysel Rivera Villafuerte

*Secretaría de Educación Pública SEP, México*

### Comité Científico Internacional

#### Ph. D. Víctor Arufe Giraldez

*Universidad de La Coruña, España*

#### Ph. D. Juan Ramón Barbany Cairo

*Universidad de Barcelona, España*

#### Ph. D. Daniel Berdejo-Del-Fresno

*England Futsal National Team, Reino Unido  
The International Futsal Academy, Reino Unido*

#### Dr. Antonio Bettine de Almeida

*Universidad de Sao Paulo, Brasil*

**Dr. Oswaldo Ceballos Gurrola**  
*Universidad Autónoma de Nuevo León, México*

**Ph. D. Paulo Coêlho**  
*Universidad de Coimbra, Portugal*

**Dr. Paul De Knop**  
*Rector Vrije Universiteit Brussel, Bélgica*

**Dr. Eric de Léséleuc**  
*INS HEA, Francia*

**Mg. Pablo Del Val Martín**  
*Pontificia Universidad Católica del Ecuador,  
Ecuador*

**Dr. Christopher Gaffney**  
*Universität Zürich, Suiza*

**Dr. Marcos García Neira**  
*Universidad de Sao Paulo, Brasil*

**Dr. Misael González Rodríguez**  
*Universidad de Ciencias Informáticas, Cuba*

**Dra. Carmen González y González de Mesa**  
*Universidad de Oviedo, España*

**Dr. Rogério de Melo Grillo**  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

**Dra. Ana Rosa Jaqueira**  
*Universidad de Coimbra, Portugal*

**Mg. Nelson Kautzner Marques Junior**  
*Universidad de Rio de Janeiro, Brasil*

**Ph. D. Marjeta Kovač**  
*University of Ljubljana, Slovenia*

**Dr. Amador Lara Sánchez**  
*Universidad de Jaén, España*

**Dr. Ramón Llopis-Goic**  
*Universidad de Valencia, España*

**Dr. Osvaldo Javier Martín Agüero**  
*Universidad de Camagüey, Cuba*

**Mg. Leonardo Panucia Villafañe**  
*Universidad de Oriente, Cuba*  
*Editor Revista Arranca*

**Ph. D. Sakis Pappous**  
*Universidad de Kent, Reino Unido*

**Dr. Nicola Porro**  
*Universidad de Cassino e del Lazio  
Meridionale, Italia*

**Ph. D. Prof. Emeritus Darwin M. Semotiuk**  
*Western University Canada, Canadá*

**Dr. Juan Torres Guerrero**  
*Universidad de Nueva Granada, España*

**Dra. Verónica Tutte**  
*Universidad Católica del Uruguay, Uruguay*

**Dr. Carlos Velázquez Callado**  
*Universidad de Valladolid, España*

**Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio**  
*Universidad Católica de Brasilia, Brasil*  
*Editora da Revista Brasileira de Ciência e  
Movimento – RBCM*

**Dra. María Luisa Zagalaz Sánchez**  
*Universidad de Jaén, España*

**Dr. Rolando Zamora Castro**  
*Universidad de Oriente, Cuba*  
*Director Revista Arrancada*

Asesoría Ciencia Aplicada y Tecnológica:  
**EDITORIAL CUADERNOS DE SOFÍA**

Representante Legal  
Juan Guillermo Estay Sepúlveda Editorial  
Santiago – Chile

**Indización**

Revista ODEP, indizada en:



**FUTEBOL E RELIGIÃO: A DEVOÇÃO DOS ADEPTOS PORTUGUESES**

**FOOTBALL AND RELIGION: THE DEVOTION OF THE PORTUGUESE SUPPORTERS**

**Dra. Célia Gouveia**

Instituto Universitário de Lisboa, Portugal  
cmcga@iscte-iul.pt

**Dra. Ana Teresa Tavares**

Instituto Universitário de Lisboa, Portugal  
anatsstavares@gmail.com

**Dra. Alexandra David**

Escola Superior de Comunicação Social, Portugal  
alexandramdavid@gmail

**Fecha de Recepción:** 24 de febrero de 2019 – **Fecha Revisión:** 11 de marzo de 2019

**Fecha de Aceptación:** 30 de abril de 2019 – **Fecha de Publicación:** 12 de mayo de 2019

**Resumo**

Futebol e religião são dois termos que transportam uma enorme atualidade, abrangendo uma diversidade de regras, rituais e convenções, mesmo se povoados por múltiplas contradições. O artigo procura explorar dimensões sociais que envolvem a díade futebol-religião, à luz de considerações de diferentes autores. E tem como objetivos avaliar em que medida a crença coletiva, o ritualismo e o totem, consideradas dimensões do fenômeno religioso, podem ser visualizadas como fatores que operam colateralmente nas vivências dos jogos do campeonato pelos adeptos portugueses de futebol. Este estudo teve por base a realização de um inquérito por questionário, cuja construção decorreu da problematização teórica, e foi aplicado a uma amostra não probabilística de conveniência. A escolha do conjunto de perguntas foi determinada pela sua adequação à contribuição operativa das dimensões. Ao todo foram realizados 488 inquéritos válidos. Através da interpretação dos dados, aferimos a existência de atributos associados às três dimensões em análise. Argumenta-se, a partir das conclusões obtidas, que o futebol pode ser entendido como uma prática cultural, onde os elementos crença coletiva, ritualismo e totem podem ser visualizados como fatores colaterais às acções dos adeptos.

**Palavras-Chaves**

Futebol – Religião – Ritual – Totem – Crença – Cultura

**Abstract**

Football and religion are both terms that carry among them an enormous reality, embrace a diversity of rules, rituals and conventions, even though they are populated by multiple contradictions. In this sense, the article explores both football and religion social dimensions, according to reflections already made by different authors. Aiming to understand in which way the

collective belief, ritualism or totem may be viewed as factors that operate sideways to the experiences felt and lived by the fans of the sport in the Portuguese championship. The methodology adopted is based on the questionnaire survey, whose construction was based on the theoretical problematization, in order to measure the various attributes associated with the dimensions of belief, ritual and use of totemic objects. It was applied to a non-probabilistic convenience sample composed by 488 individuals. Through the analysis and interpretation of the main data, we verified the existence of attributes associated to the three dimensions under analysis. It is argued based on the conclusions obtained that football can be understood as a practical cultural with attributes comparable to religion in which elements like collective belief, ritualism or totem can be viewed as side factors to the actions or reactions of the fans.

### **Keywords**

Football – religion – ritual – totem – belief – culture

### **Para Citar este Artículo:**

Gouveia, Célia; Tavares, Ana Teresa y David, Alexandra. Futebol e religião: a devoção dos adeptos portugueses. Revista Observatorio del Deporte Vol: 5 num 1 (2019): 37-59.

## Introdução

Durante a época de futebol, milhares de adeptos viajam pelo país para seguir a sua equipa, enquanto milhões assistem a jogos ao vivo e destaques na televisão e, cada vez mais, online. Percebemos, portanto, que o futebol é muito importante para os seus seguidores, tornando-se evidente que há mais por trás de um jogo de futebol do que apenas uma competição desportiva<sup>1</sup>.

Segundo Morris<sup>2</sup>, parte do apelo ao futebol pode ser revelado pela relação análoga com a religião, pois, muitas pessoas – umas a brincar, outras a sério – têm comparado o futebol a uma ordem religiosa. Aliás, à semelhança de uma assembleia religiosa, um jogo de futebol associa os fãs devotos na crença comum e no compromisso com a equipa, através da “celebração”, “adoração” e “idolatria”<sup>3</sup>.

Este artigo não é sobre religião, mas visa explorar dimensões sociais que envolvem a díade futebol-religião, à luz de considerações de diferentes autores. Deste modo, esta investigação, ainda que de carácter exploratório, tem como objetivo avaliar em que medida a crença coletiva, o ritualismo e o totem, dimensões do fenómeno religioso, podem ser visualizadas como fatores que operam colateralmente nas vivências dos adeptos portugueses de futebol.

A abordagem à relação do desporto com a religião não é nova, são vários os autores profusamente citados, que se debruçam sobre a problemática<sup>4</sup> e que iremos chamar à discussão. Mathisen<sup>5</sup>, por exemplo, defende que o desporto e a religião são poderosos meios de socialização, dotados de forte estímulo de integração social, capazes de induzir altos níveis de identidade e entusiasmo. Por seu lado, Hoffman<sup>6</sup>, autor de *Sport and Religion*, estabelece uma aproximação entre a religião e o futebol, defendendo que “nos locais onde o desporto é jogado a um nível competitivo mais elevado, encontramos invariavelmente vestígios de religião (...) da mesma forma, que na igreja formal, o desporto se encontra dissimulado nas sombras”.

---

<sup>1</sup> A. Gómez-Bantel, “Football Clubs as Symbols of Regional Identities”, *Soccer & Society*, Vol: 17 num 5 (2016): 692-702.

<sup>2</sup> Desmond Morris, *A Tribo do Futebol* (Lisboa: Publicações Europa-América, 1985).

<sup>3</sup> Stefano Pivato, “Soccer, religion, authority: notes on the early evolution of association football in Italy”, *The International Journal of the History of Sport*, Vol: 8 num 3 (1991): 426-428.

<sup>4</sup> Robert W. Coles, *Football as a Surrogate Religion*. In: *A Sociological Yearbook of Religion in Britain*. Michael Hill (org.) (London: SCM Press, 1975), 61-77; Martyn Taylor e Rogan Taylor, “Something for the weekend, sir? Leisure, ecstasy and identity in football and contemporary religion”, *Leisure Studies*, Vol: 16 num 1(1997): 37-49; Michael Novak, *The Natural Religion*. Em *Sport and Religion*. Shirl J. Hoffman (org.) (Champaign Illinois: Human Kinetics Books, 1992), 35-42; Shirl J. Hoffman, *Sport and Religion* (Champaign, Illinois: Human Kinetics Books, 1992); Eric Dunning, *Sport Matters: Sociological Studies of Sport, Violence, and Civilization* (London: Routledge, 1999); Alois Koch, *Sport - A Secular Religion?* 2002. Obtido em 24 de setembro de 2017, disponível em: <http://www.con-spiration.de/koch/>; Allen Guttmann, *From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports* (New York: Columbia University Press, 2004); James A. Mathisen, A. Sport. Em *Handbook of Religion and Social Institutions*. Helen Rose Ebaugh (org.) (USA: Springer, 2006), 285-304; Wojciech Liponski, “Sport: From Profound Religious Expressions to Secular Ritual, Stadion”, *International Journal of the History of Sport*, Vol: 35 (2009): 67-86 y Tracy J. Trothen e Calvin R. Mercer, *Religion and Human Enhancement: Death, Values, and Morality* (Cham, Switzerland: Springer International Publishing AG., 2017).

<sup>5</sup> James A. Mathisen, A. Sport...

<sup>6</sup> Shirl J. Hoffman, *Sport and Religion*...

Os argumentos aduzidos em torno destas questões são diversificados, expressam diferentes olhares ou várias linhas de exposição, como lhes quisermos chamar, e ocorrem na sequência de um processo de aprofundamento de várias disciplinas académicas que se juntaram à discussão (religião, filosofia, história e, especialmente, a sociologia).

### Religião e Valores do Desporto

Mesmo sabendo que o desporto e a religião partem de pressupostos teóricos assentes em bases diferentes e povoados por múltiplas contradições, Watson e Parker<sup>7</sup> defendem que a religião moldou a natureza e o valor do desporto, numa relação profundamente enraizada no decurso da história do desporto, e que continua a desempenhar um papel configurador na formação das sociedades modernas<sup>8</sup>.

A religião e o desporto, e as práticas físicas que lhe estão associadas, são instituições que compõem a paisagem social da vida de muitos sujeitos<sup>9</sup>. Porém, cada qual caracterizado pelo seu desempenho ritualizado e pela devoção dos seus seguidores no espaço da *performance*, o que normalmente significa, para uns, a arena desportiva, para outros, a catedral de culto<sup>10</sup>.

Sabe-se que, ao longo da história, a religião teve influência na maneira como o desporto foi organizado, difundido, melhorado ou suprimido<sup>11</sup>. Michael Novak<sup>12</sup>, um dos mais influentes estudiosos da religião nas dimensões moral, cultural e espiritual, afirma que as qualidades intrínsecas ao desporto aparecem muitas vezes como fonte de inspiração, devoção e realização para os seus seguidores, algo que a religião tradicional parece, por vezes, ser incapaz de inspirar na sociedade contemporânea.

Ao comparar o desporto com a religião, é importante a definição do termo religião. Porém, a religião é extremamente difícil de definir, não se confina no espalho de uma única definição, por isso, são muitos os académicos e teólogos que buscam constantemente a contiguidade de uma definição. Em boa verdade, os argumentos, discussões e definições registam uma imensa profusão de posturas.

Desta forma, recorremos a um dos “clássicos” fundadores da sociologia, o sociólogo francês Émile Durkheim, que no decorrer de sua argumentação, sugere não ser necessário existirem divindades sobrenaturais para haver religião: há sistemas de crenças e práticas que podemos qualificar de “religiosas”, das quais os deuses e os espíritos se encontram completamente ausentes<sup>13</sup>. Assim, temos um critério muito simples que nos permite distinguir aquilo que é religioso daquilo que não é.

<sup>7</sup> Nick J. Watson e Andrew Parker, *Sport and the Christian Religion: A Systematic Review of literature* (London: Cambridge Scholars Publishing, 2014).

<sup>8</sup> Nick J. Watson e Andrew Parker, *Sport and the Christian Religion...*

<sup>9</sup> Steve Bruce, *Religion in the Modern World: From Cathedrals to Cults* (Oxford: Oxford University Press, 1996).

<sup>10</sup> T. Magdalinski e T. J. Chandler, *With God on their Side: Sport in the Service of Religion* (London: Routledge, 2002).

<sup>11</sup> Benny Peiser, Religion. Em *Encyclopedia of British Sport*. Richard W. Cox; Grant Jarvie e Wray Vamplew (org.) (Oxford. ABC-CLIO, 2000), 321-323 y Salomé Marivoet, *Tradição Religiosa, Corpo e Jogos Lúdicos* (Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2015), 94-108.

<sup>12</sup> Michel Novak, *The Joy of Sports: End Zones, Bases, Baskets, Balls, and the Consecration of the American Spirit* (New York: Basic Books, Inc. Publishers, 1994).

<sup>13</sup> Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida religiosa* (Oeiras: Celta Editores, 2002).

Através das fontes consultadas, e no sentido de dar continuidade a Durkheim, damos enfoque a diversas estruturas teóricas. Por exemplo, Novak<sup>14</sup> refere-se à natureza religiosa intrínseca do desporto, como uma “religião natural”, esclarece, ainda, que “o desporto é uma forma de ‘religião natural’ porque ‘flui’ para fora em ação de um impulso natural profundo que é radicalmente religioso”.

Huizinga<sup>15</sup> e Jirásek<sup>16</sup> apresentam um quadro teórico onde defendem que o desporto, como prática atlética e performativa, inclui dimensão sagrada e valores espirituais, porém, sem significado religioso. Wagg<sup>17</sup> reconhece a fundação religiosa do desporto moderno, porém, com reservas, no seu apelo espiritual *versus* fisiologia.

Guttman<sup>18</sup>, por exemplo, relembra que católicos e protestantes elaboraram um “*modus vivendi*”, uma espécie de concordata do desporto da era moderna, como provam as várias ligações da missão social da igreja ao desporto. Nos países predominantemente católicos, como o caso português, não são conhecidos clubes de futebol de entre os que disputam as ligas profissionais que tenham tido na sua fundação a intervenção direta da igreja. Já no caso britânico, a religião desempenhou um papel significativo na cultura do associativismo desportivo e consequente influência nos valores institucionais<sup>19</sup>, principalmente através da formação de várias equipas que ainda hoje se perpetuam no escalão maior do futebol inglês<sup>20</sup>. Compreende-se, sem dificuldade, como refere Giddens<sup>21</sup>, que a religião, para além de fornecer a ideia de conduta, reforça a ideia de coesão social. Para Higgs e Braswell<sup>22</sup>, a relação entre a igreja e o desporto moderno mudou, tornando-se simbiótica: a igreja, com a oferta do rito da bênção nos mais diversos torneios, com destaque para os megaeventos, convida os homens a louvar a Deus e anima-os a pedir a sua proteção; o desporto, dando projeção à igreja através da influência cultural e mediatização. Segundo Forbes e Mahan<sup>23</sup>, estes aspetos enfatizam uma religiosidade de matriz popular, dando sentido à abordagem de Watson e Parker<sup>24</sup>, para quem a celebração desportiva é uma prática que ajuda a preencher o vazio espiritual, cada vez mais ausente da cultura ocidental, um vazio que o “atleta - ídolo” passou a ocupar, até porque falar de ídolos é usar linguagem religiosa.

<sup>14</sup> Michel Novak, *The Joy of Sports: End Zones, Bases...*

<sup>15</sup> Johann Huizinga, *Homo Ludens: Study of the Play Element in Culture* (London: Routledge, 1980).

<sup>16</sup> Ivo Jirásek, “Religion, Spirituality, and Sport: From Religio Athletae Toward Spiritus Athletae”, *Quest*, Vol: 67 num 3 (2015): 290-299.

<sup>17</sup> Stephen Wagg, *Myths and Milestones in the History of Sport* (UK: Palgrave Macmillan, 2011).

<sup>18</sup> Allen Guttman, *From Ritual to Record...*

<sup>19</sup> Peter J. Schroeder e J. Paredes Scribner, “To Honor and Glorify God: the role of religion in one intercollegiate athletics culture”. *Sport Education and Society*, Vol: 11 num 1 (2006): 39-54.

<sup>20</sup> Martyn Taylor e Rogan Taylor, “Something for the weekend, sir? Leisure... y Peter Lupson, *Thank God for Football!*. (UK: Azure, 2006). Clubes ingleses como o Aston Villa, Barnsley, Birmingham City, Bolton Wanderers, Everton, Fulham, Liverpool, Manchester City, Queen's Park Rangers, Southampton e Tottenham Hotspur, estão entre as dezenas que tiveram as suas origens no seio da igreja.

<sup>21</sup> Anthony Giddens, *Capitalismo e Moderna Teoria Social* (7ed.) (Barcarena: Editora Presença, 2011).

<sup>22</sup> Robert J. Higgs e Michael C. Braswell, *An Unholy Alliance: The Sacred and Modern Sports* (Macon: Mercer University Press, 2004).

<sup>23</sup> B. David Forbes e Jeffrey H. Mahan, *Religion and Popular Culture in America* (USA: University of California Press, 2005).

<sup>24</sup> Nick J. Watson e Andrew Parker, *Sport and the Christian...*

Neste sentido, Cashmore<sup>25</sup> entende que os rituais das celebridades são assimilados pelos fãs como expressões que preenchem o vazio criado por um mundo impalpável. Berger<sup>26</sup> chama a estas experiências da reprodução que permeiam a cultura popular, “sinais de transcendência” da condição humana. Para Trothen e Mercer<sup>27</sup>, são momentos que contribuem para a percepção do desporto como “religião popular”, muitas vezes construídos pela observância cultural e teia simbólica, provedora de significações e valores. Como é exemplo a eternização de “lendas”, figuras históricas associadas a estórias místicas<sup>28</sup>.

Para Dunning<sup>29</sup>, o envolvimento dos fãs na celebração ou adoração a determinado clube ou coletividade é, de algum modo, uma evidência de que o desporto possui características de religião, porém, no sentido de Durkheim<sup>30</sup>. Por isso, na sua argumentação, o autor assemelha o fenómeno, que apelida de “semi-religião”, à necessidade de atender a um número cada vez maior de pessoas às funções até aqui desempenhadas pela religião, e que, atualmente, não encontram noutra lugar da sociedade, tendencialmente orientada para um padrão cultural de reflexão crítica.

Allen Guttmann<sup>31</sup> argumenta que o desporto moderno é organizado como uma atividade secular e não sagrada ao identificar uma série de características distintivas na sua organização. O autor não deixa, todavia, de assumir que o desporto pode funcionar como uma “religião civil”, uma instituição “*quasi-religious*”, que substitui a religião sectária, mas com o objetivo de promover a integração social.

Autores como Koch<sup>32</sup>, Mathisen<sup>33</sup> e Liponski<sup>34</sup> consideram que o desporto deve ser olhado na perspetiva de uma “religião secular”, pois, como instituição social, tem sido largamente secularizada, no sentido em que atrai e estabelece vínculos sociais duráveis e iluminadores, na dupla dimensão sociológica e política que mapeiam o mundo do desporto.

Watson e Parker<sup>35</sup> atribuem às forças da secularização que moldaram a história social moderna, o papel fundamental pelo qual o desporto se tornou uma “religião civil”. Coles<sup>36</sup> chamou-lhe uma “religião substituta”, um conceito em que o autor encontrou

<sup>25</sup> Ellis Cashmore, *Making Sense of Sports* (5ª ed.) (London: Routledge, 2010).

<sup>26</sup> Peter L. Berger, *Redeeming laughter: Comic Dimension of Human Experience* (New York: De Gruyter, 1997).

<sup>27</sup> Tracy J. Trothen e Calvin R. Mercer, *Religion and Human Enhancemen...*

<sup>28</sup> Richard G. Powers, *Sports and American Culture*. In: *Making America: The Society and Culture of the United States*. Luther S. Luedtke (org.). University of North Carolina Press: Chapel Hill, NC. 1992. 272-286 y Joseph L. Price, *From season to season: Sports as American religion* (Georgia, USA: Mercer University Press, 2004).

<sup>29</sup> Eric Dunning, *Sport Matters: Sociological Studies...*

<sup>30</sup> Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida religiosa...*

<sup>31</sup> Allen Guttmann, *From Ritual to Record...*

<sup>32</sup> Alois Koch, *Sport - A Secular Religion?...*

<sup>33</sup> James A. Mathisen, *American Sport as Folk Religion: Examining a test of its strength*. In: *From Season to Season: Sports as American religion*. Joseph L. Price (org.) (Georgia, USA: Mercer University Press, 2004), 141-158.

<sup>34</sup> Wojciech Liponski, *Sport: From Profound Religious Expressions...*

<sup>35</sup> Nick J. Watson e Andrew Parker, *Sport and the Christian...*

<sup>36</sup> Robert W. Coles, *Football as a Surrogate Religion...*

fundamento na forma como o futebol britânico foi moldado. Burstyn<sup>37</sup>, por seu lado, apelidou-a de “sacramento secular”, no sentido em que reflete a experiência estética da religião.

Somos, assim, conduzidos para a noção de que a racionalização como tendência da sociedade produz um padrão de pluralização cultural e diferenciação<sup>38</sup>. Porém, nas sociedades com culturas e instituições religiosas originalmente influentes, se não dominantes, um mundo mais secularizado, não substitui automaticamente a religião pelo desporto e vice-versa<sup>39</sup>.

### O Futebol como Crença Coletiva

O futebol é, sem dúvida, o desporto com mais seguidores, atraindo milhões de fãs em todo o mundo<sup>40</sup>. A sua popularidade e importância social registam-se em todas as latitudes e junto de quase todos os povos, independentemente do seu grau de desenvolvimento, sistemas políticos e económicos, traços culturais e passados históricos<sup>41</sup>.

King<sup>42</sup> afirma que o futebol constitui um ritual público vívido na cultura europeia, através do qual surgem novas emergências sociais e redes económicas. Segundo Morris<sup>43</sup>, um desafio de futebol desempenha um importante papel na sociedade moderna. O autor exemplifica que, à semelhança de uma assembleia religiosa, um desafio de futebol não só junta uma vasta multidão, como também a associa a uma crença comum – a crença desmedida na sua equipa. Ora, é justamente esta ideia de crença, que une milhões de seres humanos, aparentemente inteligentes, e os leva a sentirem que os esforços atléticos de estranhos são, de alguma forma, consequentes para si mesmos. A par destas considerações, Maffesoli<sup>44</sup> defende que a crença coletiva no futebol é curiosamente restrita, mas intensamente pública. Estas considerações ecoam na afirmação de Le Bon, quando este nos diz que “uma crença é um ato de fé de origem inconsciente, que força os indivíduos a admitir em bloco uma ideia, uma opinião, uma explicação ou uma doutrina”<sup>45</sup>.

Para Higgs e Braswell<sup>46</sup>, a crença funciona como um fator de influência das variedades comportamentais, logo, as vivências dos fãs geram sentimentos de dependência, mas também de respeito e confiança. Giulianotti<sup>47</sup> faz eco desses

<sup>37</sup> Varda Burstyn, *Sport as secular Sacrament*. Em *Sport in Contemporary Society: An Anthology*. Eitzen, D. Stanley (org.) (Boulder, USA: Paradigm Publishers, 2005), 11-20.

<sup>38</sup> F. J. Lechner, “The Case against Secularization: A Rebuttal”, *Social Forces*, Vol: 69 num 4 (1991): 1103-1119.

<sup>39</sup> Allen Guttman, *From Ritual to Record...*

<sup>40</sup> Michel Desbordes, *Marketing and Football: An international perspective* (Oxford: Elsevier Ltd., 2007).

<sup>41</sup> João N. Coelho e Francisco Pinheiro, *A Paixão do Povo: História do futebol em Portugal* (Porto: Edições Afrontamento, 2002).

<sup>42</sup> Anthony King, *The European Ritual: Football in the New Europe* (London: Routledge, 2017).

<sup>43</sup> Desmond Morris, *A Tribo do Futebol...*

<sup>44</sup> Michel Maffesoli, *The Time of the Tribes: The Decline of Individualism in Mass Society* (London: SAGE Publications, 1996).

<sup>45</sup> Gustave Le Bon, *As Opiniões e as Crenças* (Rio de Janeiro: Garnier, 1922), 6.

<sup>46</sup> Robert J. Higgs e Michael C. Braswell, *An Unholy Alliance...*

<sup>47</sup> Richard Giulianotti, *Football: A Sociology of the Global Game* (London: Polity Press, 1999).

sentimentos, observando que o jogo moderno, de certa forma, suplantou a religião não só como a principal instituição capaz de coesão social, mas, sobretudo, pela oportunidade de experiências emocionais estéticas e estados de êxtase que levam a estados de dependência. Nesta linha argumentativa, Morris<sup>48</sup> apontou a devoção dos adeptos como uma fenomenologia “religiosa” e “primitiva”, com um corpo de crenças formalmente aceites. Com efeito, Edwards<sup>49</sup> afirma que a crença não se discute, mas sim, orienta os pensamentos, as opiniões e, por conseguinte, a maneira de proceder. Isto é, a crença implanta-se no espírito<sup>50</sup>.

Na esteira do que anteriormente foi aduzido, Maffesoli<sup>51</sup> vê o fenómeno da crença coletiva que orienta os adeptos de futebol, como numa alusão, aos encontros comunitários na sociedade contemporânea, onde a estética é um importante vetor de agregação, ou seja, o cimento social que instaura e reafirma a comunidade.

### O Futebol como Ritual

Embora Durkheim não tenha reconhecido a importância do desporto como ritual<sup>52</sup>, é possível adotar uma relação analítica apropriada ao futebol, à luz do seu trabalho. Em “*As Formas Elementares da Vida Religiosa*”, Émile Durkheim fornece um profundo relato sociológico do ritual, ainda hoje, um dos recursos mais frutíferos para a sua compreensão. O autor argumenta que o ritual constituiu um mecanismo fundamental pelo qual a solidariedade social dos clãs aborígenes na Austrália era sustentada. Destacou o papel do ritual na vida social deste grupo, acrescentando que tais performances rituais são universais<sup>53</sup>.

Para Durkheim<sup>54</sup>, qualquer sociedade relativamente saudável baseia-se numa série de crenças, rituais e símbolos, que expressam valores com significado transcendental, e considerados sagrados pelos membros do grupo que unem essa comunidade. É através da teoria dos rituais que os aspetos simbólicos e estéticos de qualquer jogo social permitem projetar no ritual o carisma das origens comuns (o mundo dos homens em oposição ao mundo das mulheres, o mundo da identidade local, o bairro, a cor da camisola do clube de futebol para o mundo da identidade abstrata), num espaço rotulado pela força da estrutura social<sup>55</sup>. De onde se infere que o ritual é o desempenho da ação governada por regras, cujo conteúdo é irrelevante para a sua compreensão, porém, um poderoso veículo para assegurar a unidade social<sup>56</sup>.

Turner<sup>57</sup> identifica o símbolo como o bloco da construção do ritual. Por isso, o termo “ritual” é usado em várias circunstâncias, podendo descrever ações entendidas como práticas culturais religiosas ou seculares, ou ambas. É apresentado como processo e produto, realizado tanto pelo indivíduo como pela sociedade, pode ser público ou

<sup>48</sup> Desmond Morris, *A Tribo do Futebol...*

<sup>49</sup> Harry Edwards, *The Sociology of Sport* (Homewood, Illinois: Dorsey Press, 1973).

<sup>50</sup> Gustave Le Bon, *As Opiniões e as Crenças...*

<sup>51</sup> Michel Maffesoli, *The Time of the Tribes: The Decline...*

<sup>52</sup> Anthony King, *The European Ritual: Football...*

<sup>53</sup> Anthony King, *The European Ritual: Football...*

<sup>54</sup> Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida religiosa...*

<sup>55</sup> Victor W. Turner, *Dramas, Fields and Metaphor* (Ithaca: Cornell University Press, 1974).

<sup>56</sup> Max Gluckman, *Politics, Law and Ritual in Tribal Society* (Oxford: Oxford University Press, 1965).

<sup>57</sup> Victor W. Turner, *The Ritual Process* (Chicago: Aldine de Gruyter, 1969).

privado<sup>58</sup>. Representa, sobretudo, a maneira pela qual um indivíduo deve guardar e projetar as implicações simbólicas dos seus atos, na presença de um objeto de especial valor para si<sup>59</sup>.

Para King<sup>60</sup>, o ritual desportivo fornece um foco iluminador para a investigação sociológica, porque é uma arena em que as relações sociais e os entendimentos partilhados são visceralmente recriados. Como sublinha Durkheim, a recreação do ritual não é ociosa, mas sim essencial à ação, interação, reunião e celebração para manter o grupo social unificado. Sem ritual, “a interação do grupo social fragmenta-se numa existência profana, o grupo social deixa de existir”<sup>61</sup>.

Neste âmbito, o futebol é um ritual de construção cultural que dá consistência aos ideais sociais (função de agregação simbólica), por isso, possibilita a comunicação simbólica entre os seus participantes<sup>62</sup>. De facto, o poder do ritual está na força existente no seu conteúdo, na eficácia da sua comunicação, na informação que o compõe e na interiorização dessa informação como motor da transmissão e do envolvimento do grupo com os símbolos do ritual<sup>63</sup>. Quer como expressão, quer como performance, o ritual é comunicativo, padronizado, estereotipado, envolve manipulação e tradição<sup>64</sup>.

Dada a “mercadorização” do futebol, os seus rituais são comumente realizados através dos *media* que os transformam em fenômenos quase religiosos, sobretudo, através da ênfase ritualística que as transmissões desportivas colocam na criação de “personagens”<sup>65</sup>.

Segundo King<sup>66</sup>, as relações sociais são reconhecidas por aqueles que lhe são partidários, com efeito, o ritual constitui o local crítico no qual esse reconhecimento comunitário ocorre. Note-se os rituais empregues em dia de jogo, como por exemplo os cânticos que marcam, produzem, idealizam e celebram a comunidade<sup>67</sup>. Os cânticos são “imagens carregadas de simbolismo e familiarizadas com o sentimento indescritível de ser parte de um coletivo”<sup>68</sup> e comportam: repetição, sincronia, foco de atenção partilhado e símbolos do grupo, os quatro principais elementos do ritual durkheimiano<sup>69</sup>.

<sup>58</sup> Peter Collins, Religion and Ritual: A Multi-perspectival Approach. In: The Oxford Handbook of the Sociology of Religion. Peter B. Clarke (org.) (New York: Oxford University Press, 2009), 671-690.

<sup>59</sup> Erving Goffman, Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face (Brasil: Editora Vozes, Lda., 2011).

<sup>60</sup> Anthony King, The European Ritual: Football...

<sup>61</sup> Anthony King, The European Ritual: Football... 19.

<sup>62</sup> Shirl J. Hoffman, “The Decline of Civility and the Rise of Religion in American sport”, Quest, Vol: 51 num 1 (1999): 69-84.

<sup>63</sup> Michael Lambek, A Reader in the Anthropology of Religion (Oxford: Blackwell Publishers, 2002).

<sup>64</sup> Peter Collins, Religion and Ritual: A Multi-perspectival Approach...

<sup>65</sup> Peter J. Schroeder e J. Paredes Scribner, “To Honor and Glorify God... y William J. Baker, Playing with God: Religion and modern sport (Cambridge: Massachusetts, Harvard University Press, 2007).

<sup>66</sup> Anthony King, The European Ritual: Football....

<sup>67</sup> Michel Maffesoli, The Time of the Tribes: The Decline... y Ian Collinson, “Singing Songs, Making Places, Creating Selves: Football Songs & Fan Identity at Sydney FC”, Transforming Cultures e-Journal, Vol: 4 num 1 (2009): 15-27.

<sup>68</sup> Michael Novak, The Natural Religion. Em Sport... 37.

<sup>69</sup> Ian Collinson, “Singing Songs, Making Places...”

E para aqueles que os entoam, os cânticos estabelecem a noção de “*território retórico*”, um território partilhado com todos os que são capazes de seguir o mesmo raciocínio, cujos aforismos, vocabulário e modos de pensamento formam uma “cosmologia”<sup>70</sup>. Segundo Serazio<sup>71</sup>, os rituais dos adeptos são tão essenciais ao futebol quanto o que acontece no relvado, pois esses rituais preservam a memória coletiva que sustenta o totem e, por sua vez, o grupo que o suporta.

### O Mito do Totem

Segundo Sandvoss<sup>72</sup>, os indivíduos necessitam de modos de participação e identificação para conferir significado à vida coletiva. No caso dos adeptos de futebol, a identificação com uma equipa ou a idolatria a um atleta ou a um clube, une-os na partilha da mesma fidelidade; eles pertencem, têm identidade de grupo<sup>73</sup>, uma identidade que se exprime regularmente pelo uso do pronome “nós”, no sentido de apropriação e expressão de uma unidade inseparável<sup>74</sup>.

Para Novak<sup>75</sup>, o futebol representa a celebração da condição humana não inocente, não racional e não liberal, por isso, a identificação com a equipa, atleta ou clube é pródiga em atitudes inassimiláveis à luz do racionalismo. São vários os exemplos que mostram como os adeptos constroem a sua realidade, ilustrada em muitas imagens: frequentemente colecionam lembranças tangíveis da sua paixão e lealdade, outros, transformam os refúgios em relicários virtuais<sup>76</sup> ou em santuários<sup>77</sup>, atitudes que funcionam de forma semelhante às atividades míticas tradicionais, em que as formas simbólicas do mito fornecem identificação pessoal, agregação e arquétipos heroicos. Real afirma que “as formas simbólicas do mito refletem e sacralizam as tendências dominantes de uma cultura, sustentando assim as instituições sociais e estilos de vida”<sup>78</sup>.

Segundo Durkheim<sup>79</sup>, a maior parte das tribos australianas apresentam-se sustentadas por uma estrutura base: o clã. Os indivíduos que compõem este grupo não se consideram próximos por possuírem algum tipo de parentesco, no sentido em que o grupo a que pertencem está ligado indelevelmente como uma família, mas sim, por responderem igualmente perante a palavra que os define, o totem, com o qual têm uma relação visceral.

De forma semelhante às tribos estudadas por Durkheim, os adeptos de futebol ao representarem simbolicamente um clube tornam-se parte da comunidade ou clã, sem

<sup>70</sup> Marc Augé, *Non-places: introduction to an anthropology of super modernity* (London: Verso, 1995).

<sup>71</sup> Michael Serazio, “The Elementary Forms of Sports Fandom: A Durkheimian exploration of team myths, kinship, and totemic rituals”, *Communication and Sport*, Vol: 1 num 4 (2013): 303-325.

<sup>72</sup> Cornel Sandvoss, *A Game of Two Halves: Football, Television and Globalization*. London: Routledge, 2003).

<sup>73</sup> D. Stanley Eitzen, *Fair and Foul: Beyond the Myths and Paradoxes of Sport* (New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2009).

<sup>74</sup> Michael Serazio, “The Elementary Forms of Sports Fandom...”

<sup>75</sup> Michael Novak, *The Joy of Sports: End Zones...*

<sup>76</sup> Desmond Morris, *A Tribo do Futebol...*

<sup>77</sup> Eric Dunning, *Sport Matters: Sociological Studies of Sport...*

<sup>78</sup> Michael R. Real, “The Super Bowl: Mythic spectacle”, *Journal of Communication*, Vol: 25 num 1-3 (1975): 36.

<sup>79</sup> Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida religiosa...*

serem necessariamente familiares, desfrutam de um ritual de parentesco baseado num vínculo comum<sup>80</sup>, representando uma “família cívica”, no sentido de Butterwort<sup>81</sup>.

Os afetos, o emocional, as coisas que são da ordem da paixão, deixam de estar confinados à esfera da vida privada: à medida que os adeptos são atraídos para o clã e reforçam o papel de participantes, imprimem sentimento às suas ações<sup>82</sup>, identificam-se com objetos totémicos e reforçam a relação afetiva com o seu totem num quadro de ritual<sup>83</sup>. Por essa razão, Serazio<sup>84</sup> advoga que os rituais que acompanham os eventos desportivos permitem um vínculo totémico entre o grupo e os símbolos icónicos da equipa, razões que ajudam a preservar a memória coletiva que sustenta o totem.

Durkheim<sup>85</sup> defende que não é a coisa em si que causa o culto e gera o totemismo, mas aquilo que é representado por ele. Daqui se conclui que o totem pode ser a expressão material de um símbolo, ainda que, por um lado, de um princípio divino totémico e, por outro, da sociedade determinada, que é o clã. Birrell<sup>86</sup> sustenta que o símbolo é a “representação coletiva” porque serve como lembrete dos valores da comunidade.

Para Maffesoli<sup>87</sup>, os sonhos individuais e coletivos são feitos de esperança, transbordam cada vez mais a vida privada e ocupam, em massa, a praça pública. Por isso, o consumo coletivo do totem sagrado criou um vínculo social entre os indivíduos e as divindades. Segundo Durkheim<sup>88</sup>, o totemismo coloca em primeiro lugar, entre as coisas que reconhece como sagradas, as representações figuradas do totem. O uso dos símbolos cria um vínculo social que é expressivo de autoidentidade<sup>89</sup>. Quer isto dizer que o totemismo implica uma estreita associação entre um clã e uma categoria determinada de objetos.

Estas considerações encontram eco em Durkheim<sup>90</sup>, quando este nos diz que o totem é cúltico, idolatrado e dominado pela noção de um princípio quase divino. Não é por isso de estranhar, como afirmam Jona e Okou que a idolatria é provavelmente um dos elementos mais básicos de qualquer religião.

É precisamente a partir de todas estas ideias, aqui abordadas e discutidas, que surgem, encadeadas, uma série de questões. Assim, pretende-se saber se existe ou não uma relação direta entre o envolvimento com um determinado clube e com uma religião, independentemente do clube ou da religião? E qual a relação entre o envolvimento entre homens e mulheres? Se a crença coletiva, considerada dimensão da esfera religiosa, se

<sup>80</sup> D. Stanley Eitzen, *Fair and Foul: Beyond the Myths and Paradoxes...*

<sup>81</sup> Michael L. Butterwort, “Ritual in the “Church of Baseball: Suppressing the Discourse of Democracy after 9/11”, *Communication and Critical/Cultural Studies*, Vol: 2 num 2 (2005): 107-129.

<sup>82</sup> Joseph L. Price, *From season to season: Sports as American...*

<sup>83</sup> Ellis Cashmore, *Making Sense of Sports...*

<sup>84</sup> Michael Serazio, “The Elementary Forms of Sports Fandom...”

<sup>85</sup> Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida religiosa...*

<sup>86</sup> Susan Birrell, “Sport as Ritual: Interpretations from Durkheim to Goffman”, *Social Forces*, Vol: 60 num 2 (1981): 354-376.

<sup>87</sup> Michel Maffesoli, *Elogio da Razão Sensível* (SP, Brasil: Editora Vozes, 1998).

<sup>88</sup> Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida religiosa...*

<sup>89</sup> Bernard Cova, “Community and Consumption: Towards a definition of the ‘linking value’ of product or services”, *European Journal of Marketing*, Vol: 31 num 3-4 (1997): 297-316.

<sup>90</sup> Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida religiosa...*

aplica ao futebol? Se o ritualismo, considerado dimensão da esfera religiosa, se aplica ao futebol? Ainda, se o totem, considerado dimensão da esfera religiosa, se aplica ao futebol? Por fim, se a convergência das três dimensões crença coletiva, ritualismo e totem explicam o envolvimento com o futebol?

### Abordagem e Métodos de Investigação

Para responder a estas questões, a pesquisa empreendeu um esquema analítico que inclui diferentes dimensões de análise, já que a relevância de um conceito teórico e abstrato como a religião num contexto social específico, como o futebol, assim o exigem.

As dimensões em análise foram aferidas através da tipologia das cinco dimensões – ideológica (crença), ritualística, experiencial, intelectual e consequente (os efeitos das outras quatro dimensões aplicadas ao mundo secular), consagradas no abrangente trabalho de Glock<sup>91</sup> e, mais tarde em Glock e Stark<sup>92</sup>, como um fenómeno multidimensional. Investigações conduzidas por outros autores encontraram evidências da existência destas dimensões, pelo menos dentro da tradição cristã.

Desta forma, o nosso trabalho analisou as dimensões: crença coletiva, ritual e totem. A dimensão crença, segundo Glock<sup>93</sup>, também designada de “*creedal assent*” por King; Hunt, é medida através de três itens - sentimento de dependência; sentimento de pertença e crença na equipa.

Quanto à dimensão ritualística, também designada de “envolvimento ritual”<sup>94</sup> ou de “envolvimento associado”<sup>95</sup>, é considerada por Nudelman<sup>96</sup> como a dimensão mais simples para trabalhar a religiosidade<sup>97</sup>. É aferida através de três itens - valorização de atos ritualizados (participação organizacional); valorização e envolvimento (devoção) e excitação emocional<sup>98</sup>. Apesar de o “uso de objetos totémicos” não estar concebido, no constructo de religiosidade de Glock<sup>99</sup> ou Glock e Stark<sup>100</sup>, como dimensão fundamental da religião e por não ser um indicador de religiosidade *de per se*, este foi desenvolvido através da proposta de Fulconis e Pache<sup>101</sup> e aferida através de três itens: valorização dos símbolos; sacralização e lealdade<sup>102</sup>.

<sup>91</sup> Charles Y. Glock, “On the study of religious commitment. Religious Education: The official”, *Journal of the Religious Education Association*, Vol: 57 num 4 (1962): 98-110.

<sup>92</sup> Charles Y. Glock e Rodney Stark, *Religion and Society in Tension* (Chicago: Rand McNally, 1965).

<sup>93</sup> Charles Y. Glock, “On the study of religious commitment...”

<sup>94</sup> Charles Y. Glock e Rodney Stark, *Religion and Society...*

<sup>95</sup> Gerhard Lenski, *The Religious Factor: A Sociological Study of Religion's Impact on Politics, Economics, and Family Life* (New York: Doubleday and Company, Inc. 1961).

<sup>96</sup> Arthur E. Nudelman, “Dimensions of Religiosity: A Factor-Analytic View of Protestants, Catholics, and Christian Scientists”. *Review of Religious Research*, Vol. 13 num 1 (1971): 42-56.

<sup>97</sup> Como foi sugerido anteriormente, o ritual pode ser um elemento presente em práticas culturais religiosas e não religiosas devido à sua transversalidade.

<sup>98</sup> Robert N. McCauley e E. Thomas Lawson, *Bringing Ritual to Mind: Psychological Foundations of Cultural Forms* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002).

<sup>99</sup> Charles Y. Glock, “On the study of religious commitment...”

<sup>100</sup> Charles Y. Glock e Rodney Stark, *Religion and Society in Tension...*

<sup>101</sup> François Fulconis e Gilles Pache, “Football Passion as a Religion: the four dimensions of a sacred experience”, *Society and Business Review*, Vol: 9 num 2 (2014): 166-185.

<sup>102</sup> Christian Derbaix e Alain Decrop, “Colours and Scarves: an ethnographic account of football fans and their paraphernalia”, *Leisure Studies*, Vol: 30 num 3 (2011): 271-291.

Quanto ao instrumento de recolha de informação, desenvolvemos um inquérito por questionário, em que a escolha do conjunto de perguntas foi determinada pela sua adequação à contribuição operativa das dimensões. O que resultou em 16 questões: 9 sobre envolvimento com futebol e envolvimento com religião (em dois itens e três dimensões); 2 indicadores que medem o envolvimento com religião e futebol (questões 3 e 4); 1 item que identifica o clube apoiado (questão 5); e, ainda, 4 indicadores sociodemográficos (as questões 1 e 2 apuram sexo e idade; as questões 15 e 16 apuram nível de instrução e profissão). Para medir o grau de intensidade das questões 3 e 4, foi aplicada a *Likert Scale* de 10 pontos (variando entre 1 indicando nada envolvido e 10 significando muito envolvido).

O conjunto de questões entre a 6ª e a 14ª foi avaliado com a aplicação da *Phrase Completion Scale*, para medir os vários atributos associados às dimensões da crença coletiva, ritualística e uso de objetos totémicos.

Desta feita, foi fornecido aos inquiridos um fragmento incompleto de frase, acompanhado por duas preposições opostas ligadas por uma escala que varia de 1 a 11, as quais completam o fragmento de cada extremidade da escala<sup>103</sup>. A faixa de 1 a 11 fornece um *continuum* para responder, com 1 a correspondente à ausência (ou quantidade zero) do atributo, até 11, que corresponde à quantidade máxima do atributo. Segundo Schwarz *et al.* a construção é medida por itens que enfatizam a força do atributo. Para Hodge e Gillespie<sup>104</sup>, o método de *Phrase Completion* promete aumentar a confiabilidade e a validade em relação às escalas de *Likert*.

### Procedimentos Estatísticos Adotados no Tratamento dos Dados

O inquérito foi aplicado a uma amostra não probabilística de conveniência. A recolha de dados foi feita através das redes sociais, concretamente nas *fanpages* de apoio a clubes e nas imediações de dois estádios de futebol<sup>105</sup>, em dias de jogo, entre 15 de novembro e 25 de dezembro de 2017 (recolha direta de dados).

Do total das 530 respostas obtidas, foram validadas 488 (excluíram-se os inquéritos incompletos). Os dados foram analisados no programa estatístico IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 22. A análise quantitativa dos dados obtidos foi alvo dos seguintes procedimentos estatísticos: para alguns indicadores, calcularam-se as estatísticas descritivas, nomeadamente médias e desvios-padrão. Para se estudar as dimensões Crença Coletiva, Ritual e Totem, começou por se avaliar a sua fiabilidade e consistência interna através do *Alpha de Cronbach*, tendo-se confirmado que todas apresentam fiabilidade aceitável, podendo ser trabalhadas como índices (ver quadro 2). E sobre essas dimensões, analisaram-se as suas médias e desvio-padrão, bem como as dos seus indicadores.

No sentido de compreender se as três dimensões Crença Coletiva, Ritual e Totem podem explicar o envolvimento com futebol, recorreu-se à Análise de Regressão Múltipla,

---

<sup>103</sup> David R. Hodge e David Gillespie, "Phrase Completions: An alternative to Likert scales", *Social Work Research*, Vol: 27 num 1 (2003): 45-55.

<sup>104</sup> David R. Hodge e David Gillespie, "Phrase Completions: An alternative..."

<sup>105</sup> Estádio da Luz e de Alvalade em dias de jogo.

depois de confirmados os seus seis pressupostos<sup>106</sup>, bem como a existência de correlação estatisticamente significativa entre as três dimensões e o indicador envolvimento com futebol.

### Análise de dados

Através da extrapolação dos dados do inquérito, verificou-se que os 488 inquiridos têm uma idade média de 30,7 anos. Verifica-se que cerca de 43% têm habilitações ao nível da Licenciatura e 31% detém o 12º ano. O nível de instrução dos respondentes vinca a tendência de um crescente consumo de futebol por indivíduos mais instruídos.

Quanto à ocupação profissional, 25% dizem ser técnicos e profissionais de nível intermédio e 22% estudantes. Dados que materializam a tendência, já sugerida por Giulianotti<sup>107</sup>, de que a classe operária - cuja presença era antes predominante - está sendo substituída, dentro e fora dos campos, pelas classes médias.

No que respeita ao gênero, observa-se essencialmente que os inquiridos são maioritariamente do sexo masculino (71,7%), sendo 28,3% do sexo feminino. Como se apresenta no Quadro 1.

SEXO	FREQUÊNCIAS	%
Feminino	138	28,30
Masculino	350	71,70
<b>TOTAL</b>	<b>488</b>	<b>100,00</b>

Quadro 1  
Caraterização da Amostra por Sexo

Quando questionados sobre o quão você é uma pessoa envolvida com futebol (independentemente do clube a que pertence) os respondentes assumem, em média, um envolvimento elevado com futebol, uma vez que se posicionam no ponto 7,60 da escala (dois pontos acima do seu centro).

Os homens declaram-se mais envolvidos do que as mulheres, com uma diferença de praticamente 1 ponto, sendo essa diferença estatisticamente significativa ( $t=3,403$ ;  $p < 0,01$ ), como se pode verificar (Figura 1). Aliás, poderá afirmar-se que a polarização de gênero é, sem dúvida, um dos aspetos mais estruturantes do perfil do simpatizante de clube em Portugal.

Por outro lado, quando questionados sobre o quão religioso você é, (independentemente de pertencer a uma religião em particular), os inquiridos revelam baixo envolvimento com a religião (uma média de 4,14), praticamente 1,5 pontos abaixo do centro da escala, sendo essa diferença estatisticamente significativa ( $t=-3,018$ ;  $p < 0,01$ ). Segundo Nunes, o gênero sexual é a condição (factor) social que mais pronunciadamente cliva em termos da dicotomia “solidez-fragilidade” a identificação clubista em Portugal.

<sup>106</sup> Pressupostos da Análise de Regressão Múltipla: (1) Linearidade do fenómeno, (2) Inexistência de multicolinearidade, (3) Variáveis aleatórias com valor esperado nulo, (4) Variância constante das variáveis aleatórias residuais, (5) Independência das variáveis aleatórias residuais e (6) Distribuição normal das variáveis aleatórias residuais.

<sup>107</sup> Richard Giulianotti, Football: A Sociology of the Global Game...

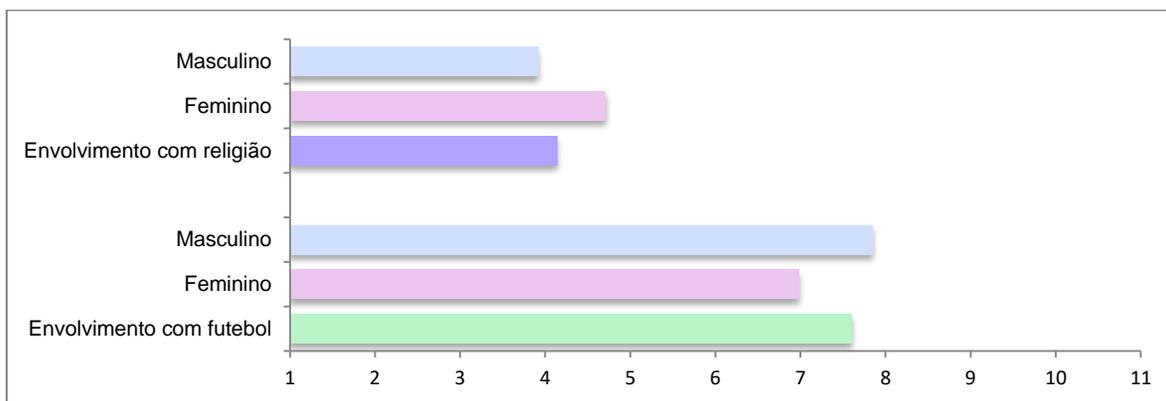


Figura 1

Média do nível de envolvimento com o futebol e com a religião  
Escala: 1= nada envolvido; 11= muito envolvido

De acordo com os resultados, podemos assim inferir que o envolvimento com futebol é mais alto do que o envolvimento com religião, não sendo demais sublinhar que o factor diferenciador é precisamente a questão de gênero, pois, se os homens são mais envolvidos com futebol do que as mulheres, já as mulheres, evidenciam maior envolvimento com religião do que os homens.

O facto de se ter verificado a existência de uma correlação positiva muito baixa entre envolvimento com futebol e com religião (estatisticamente significativa), permite-nos deduzir que, quanto maior o nível de envolvimento com futebol, menor o envolvimento com religião ( $r=0,100$ ;  $p < 0,05$ ). Constatou-se, assim, estatisticamente a fiabilidade de todas as dimensões, cujo *Alpha de Cronbach* indica consistência interna aceitável, como se pode observar no Quadro 2.

Dimensão	Alpha Cronbach	Nº indicadores
Crença Coletiva	0,676	3
Ritual	0,822	3
Totem	0,743	3

Quadro 2

Fiabilidade das dimensões estudadas

No âmbito da crença coletiva, e no conjunto dos três indicadores que nos permitem analisar esta dimensão (Quadro 3), os respondentes revelam um nível elevado de Crença Coletiva, já que a média desta dimensão é 7,51 (1,5 pontos acima do centro da escala). De entre os indicadores que compõem esta dimensão, a lealdade é o que obtém maior valorização, com uma média de 9,01 (3 pontos acima do centro da escala). Estes dados permitem-nos assumir a ideia de que a crença coletiva, considerada uma dimensão da esfera religiosa, se pode aplicar à arena futebolística.

Indicadores	Média	Desvio padrão
Quando não há jogos de futebol ... (escala: 1= não sinto qualquer sentimento de ausência; 11: sinto um forte sentimento de ausência)	6,31	3,34
Quando vou ao estádio sinto que pertencço a algo que ... (escala:1=não afeta nenhum aspeto da vida; 11=afeta absolutamente a minha vida)	7,23	3,16

Quando a minha equipa joga mal e acumula derrotas... (escala: 1= a minha lealdade é muito abalada; 11= a minha lealdade continua inabalável)	9,01	2,85
<b>Dimensão Crença Coletiva</b>	<b>7,51</b>	<b>2,43</b>

Quadro 3

Medidas estatísticas dos indicadores e da dimensão Crença Coletiva  
Escala: 1-11

Vejam agora o que sucede ao nível do Ritual e no conjunto dos três indicadores que nos permitem analisar esta dimensão (Quadro 4). Os dados apresentados constatarem que os inquiridos valorizaram os três indicadores com uma média de 8,07 (aproximadamente 2 pontos acima do centro da escala). De acordo com estes resultados, pode confirmar-se a presença da dimensão de Ritual no futebol. Tendo sido o indicador: “estar entre outros que partilham a mesma devoção que eu pelo meu clube, faz-me celebrar de forma mais efusiva” o fenómeno que pontuação mais alta obtém (média de 8,32). Também nesta dimensão, os dados indicam que o ritualismo, considerada uma dimensão da esfera religiosa, se pode aplicar ao futebol.

Indicadores	Média	Desvio padrão
O compromisso emocional com o meu clube... (escala: 1= não me faz sentir mais valorizado nem mais envolvido; 11=faz-me sentir mais valorizado e envolvido)	7,74	2,99
Quando vou ao estádio assistir a um jogo de futebol... (escala: 1= não valorizo as coreografias nem os cânticos rituais entoados; 11= valorizo bastante as coreografias e os cânticos rituais entoados)	8,15	2,87
Estar entre outros que partilham a mesma devoção que eu pelo meu clube... (escala: 1= não altera a forma como celebro; 11= faz-me celebrar de forma mais efusiva)	8,32	3,02
<b>Dimensão Ritualismo</b>	<b>8,07</b>	<b>2,54</b>

Quadro 4

Medidas estatísticas dos indicadores e da dimensão Ritual

Julga-se haver evidências empíricas que nos permitem constatar a valorização de objetos totémicos na arena futebolística, uma vez que a média de 7,28 desta dimensão se encontra 1,28 pontos acima do centro da escala. A ideia de vandalismo associada a um objeto do clube é um dos princípios que guiam as ações daqueles que são sensíveis a esta tendência. Logo, o indicador que mais importância adquire na dimensão Totem, como se constata no (Quadro 5). Observamos ainda, que esta dimensão, se aplica igualmente ao contexto do futebol.

Indicadores	Média	Desvio padrão
Sempre que estou a usar símbolos do meu clube... (escala: 1= não sinto nada de diferente; 11= sinto que reforça a minha devoção)	7,71	3,16
Quando alguém vandaliza algum objeto simbólico do meu clube, sinto que ... (escala: 1= é uma acto que me é indiferente; 11= esse ato deve ser punido)	8,38	2,88
Ir ao estádio e não levar qualquer objeto simbólico do clube... (escala: 1= não altera em nada a forma como exprimo a minha lealdade; 11= sinto que não estou a exprimir verdadeiramente a minha lealdade)	5,74	3,75
<b>Dimensão Totem</b>	<b>7,28</b>	<b>2,67</b>

Quadro 5

Medidas estatísticas dos indicadores e da dimensão Totem

Os resultados da Análise de Regressão Múltipla indicam que o conjunto das três dimensões Crença Coletiva, Ritual e Totem explicam 52,7% do envolvimento com o futebol, sendo o modelo significativo ( $p < 0,001$ ). Observa-se que a relação é cumprida em todos os indicadores, apesar de a Crença Coletiva ser a dimensão que mais impacto tem no Envolvimento com Futebol, seguida do Ritual, as quais são estatisticamente significativas. Já o Totem tem um impacto bastante menor e não é estatisticamente significativo, como se pode observar no Quadro 6.

Os dados indicam, portanto, que a conjugação (ou convergência) das três dimensões analisadas explicam 52,7% do envolvimento com futebol. Sendo de destacar que a Crença Coletiva é a dimensão que mais impacto tem no envolvimento com futebol e o Totem o menor (estatisticamente não significativo).

Variáveis Independentes	Betas
Crença Coletiva	0,454*
Ritual	0,278*
Totem	0,059
R <sup>2</sup> ajustado	1,527*
F (3,484)	181,750

\* $p < 0,001$

Quadro 6

Fatores determinantes do Envolvimento com o futebol

### Conclusões e recomendações

De acordo com os objetivos enunciados, e através da análise e interpretação dos principais dados, foram encontrados fortes padrões sociais que corroboram a revisão da literatura. Em termos genéricos, aferimos a existência de atributos associados às três dimensões em análise (Crença Coletiva, Ritual e Totem) entre a amostra.

Como se infere da leitura dos dados, os respondentes assumem, em média, um elevado envolvimento com o futebol, independentemente do clube a que pertencem, ainda que os homens se declarem mais envolvidos do que as mulheres. O gênero masculino evidencia-se quando se introduz o operador gênero sexual no cruzamento com o envolvimento, o que nos leva a crer, como refere Nunes, em Portugal, o futebol é coisa de homens.

É possível, através dos achados, perceber que é essencialmente através da dimensão Crença Coletiva que o futebol assume a forma da ação coletiva, porque a crença orienta os pensamentos, as opiniões e, por conseguinte, a maneira de proceder. Dentro desta lógica, Butterworth<sup>108</sup> frisa que o desporto tem um corpo de crenças formalmente aceites, o que nos leva a traçar um paralelo entre o sistema de crenças da experiência religiosa e o sistema de crenças que orienta os adeptos de futebol.

Atualmente, o futebol não é apenas uma atividade desportiva, é também uma necessidade para uma sociedade que exige cada vez mais espaços de lazer. Para Turner<sup>109</sup>, as experiências rituais partilhadas nos estádios transcendem qualquer *status* social e agem como “provas de que o homem não vive só de pão”. Aliás, poderá dizer-se

<sup>108</sup> Michael L. Butterworth, “Ritual in the “Church of Baseball: Suppressing...

<sup>109</sup> Victor W. Turner, *Dramas, Fields and Metaphor...*

que, tanto no *fandom* como no culto religioso, as conexões sociais são trazidas à vida, nas arquibancadas ou nos bancos da igreja, como afirma Novak “ir a um estádio é metade como ir a um comício político, metade como ir à igreja”.

Numa apreciação de carácter geral, verificou-se que a dimensão Ritual está bem patente no contexto dos adeptos portugueses. Um indicador de que, como ritual social, o futebol constrói intensos vínculos de excitação emocional entre os adeptos, descritos por Hundley e Billing<sup>110</sup> como uma forma de escapismo, que afeta milhões de indivíduos (alargando-se ao globo inteiro) propensos a consumir mensagens orientadas para a identidade. Quer isto dizer que a centralidade desta dimensão, pode também ser entendida como indicador de construção identitária.

Faz sentido, neste contexto, observar que o futebol não é o único ritual desportivo com expressão em Portugal, mas tem tido um importante papel na construção simbólica do ritual e conjunto de crenças com capacidade de atração e mobilização no espaço da cultura popular, que muitas vezes impedem outras afiliações sociais.

Os adeptos portugueses, no que diz respeito à dimensão Totem, mencionam o item – sacralização – com um significado muito especial, mostrando um sentido de lealdade fanático pelos objetos simbólicos dos clubes, como algo que deve ser protegido e respeitado. Expressões que dão sentido a autores como Belk *et al.*<sup>111</sup>, que sugerem que a transformação de um item profano em sagrado é baseada no investimento e energia colocados pelo adepto na filiação.

A partir da leitura dos dados, podem ainda extrair-se ilações, inclusive de aparência contraditória: se por um lado, os respondentes expressaram um forte sentimento de apelo à punição aquando da vandalização dos símbolos totémicos do seu clube, por outro lado, a maioria dos adeptos não valorizou de igual modo o uso desses objetos quando vão ao estádio.

Em suma, para estes adeptos sentir paixão ou demonstrar lealdade pelo clube não significa necessariamente o uso de objetos totémicos, porém, reforça a sua devoção. Num paralelo com a abordagem de Morris<sup>112</sup>, diremos que o emblema totémico da unidade é uma marca tribal que, há muito, simboliza a devoção.

Do ponto de vista da retórica crítica, que aqui defendemos, se dirá, então, concluindo que o futebol pode ser entendido como uma prática cultural com atributos comparáveis à religião, onde os elementos crença, ritualismo e totem podem ser visualizados como fatores colaterais às acções dos adeptos. De entre os fatores que operam colateralmente, e dos seus impactos, há boas razões para crer que nas entrelaçadas retóricas analisadas, reside um excepcional campo de oportunidades, quer na construção de situações de alívio, quer de “energias destrutivas”<sup>113</sup> para os adeptos de

---

<sup>110</sup> Heather L. Hundley e Andrew C. Billings, *Examining Identity in Sports Media* (London: Sage Publications, 2009).

<sup>111</sup> W. Russel Belk; Melanie Wallendorf e John F. Sherry, “The Sacred and the Profane in Consumer Behavior: Theodicy on the odyssey”, *Journal of Consumer Research*, Vol: 16 (1989): 1-39.

<sup>112</sup> Desmond Morris, *A Tribo do Futebol...*

<sup>113</sup> Richard G. Sipes, “War, Sports, and Aggression: An Empirical Test of Two Rival Theories”, *American Anthropologist*, New Series, Vol: 75 num 1 (1973): 64-86 y Gordon W. Russell,

futebol, apesar de todas as grandes preocupações humanas, onde se incluem a religião e o desporto, trazerem consigo, em potência, o bem e o mal, o êxtase e a agonia<sup>114</sup>. Principalmente, porque quer a religião quer o desporto são “dimensões populares e significativas da experiência humana”<sup>115</sup>.

Como qualquer pesquisa, esta apresenta algumas limitações, sobretudo quando se abordam temáticas complexas. Primeiro, porque o significado dos dados, é apenas aplicável ao cenário analisado e restrito à amostra identificada (os adeptos portugueses), por isso, difícil de apreender na sua complexidade a partir de indicadores concretos. Em segundo lugar, apesar da riqueza dos dados obtidos, ficaram por explorar algumas relações entre variáveis ou dados evolutivos que nos permitam verificar outros pressupostos.

No entanto, a análise apresentada neste texto poderá ser um ponto de partida para estudos futuros, essencialmente, porque o futebol pode ser analisado como um fenómeno social, que se tornou uma manifestação ritual, um espelho simbólico da estrutura social e da cultura contemporânea.

### Referências Bibliográficas

Alpert, Rebecca T. Religion and Sports: An Introduction and Case Studies. New York: Columbia University Press. 2015.

Augé, Marc. Non-places: introduction to an anthropology of super modernity. London: Verso. 1995.

Baker, William J. Playing with God: Religion and modern sport. Cambridge: Massachusetts, Harvard University Press. 2007.

Belk, W. Russel; Melanie Wallendorf e John F. Sherry. “The Sacred and the Profane in Consumer Behavior: Theodicy on the odyssey”, Journal of Consumer Research, Vol: 16 (1989): 1-39.

Berger, Peter L. Redeeming laughter: Comic Dimension of Human Experience. New York: De Gruyter. 1997.

Birrell, Susan. “Sport as Ritual: Interpretations from Durkheim to Goffman”. Social Forces, Vol: 60 num 2 (1981): 354-376.

Bruce, Steve. Religion in the Modern World: From Cathedrals to Cults. Oxford: Oxford University Press. 1996.

Burstyn, Varda. Sport as secular Sacrament. Em Sport in Contemporary Society: An Anthology. Eitzen, D. Stanley (org.). Boulder, USA: Paradigm Publishers. 2005. 11-20.

---

Psychological Issues in Sports Aggression. In: Sports Violence. Jeffrey H. Goldstein (org.) (New York: Springer –Verlag, 1983), 157–181.

<sup>114</sup> Desmond Morris, A Tribo do Futebol...

<sup>115</sup> ARebecca T. Alpert, Religion and Sports: An Introduction and Case Studies (New York: Columbia University Press, 2015).

Butterwort, Michael L. "Ritual in the "Church of Baseball: Suppressing the Discourse of Democracy after 9/11". *Communication and Critical/Cultural Studies*, Vol: 2 num 2 (2005): 107-129.

Cashmore, Ellis. *Making Sense of Sports* (5ª ed.). London: Routledge. 2010.

Coelho, João N. e Pinheiro, Francisco. *A Paixão do Povo: História do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento. 2002.

Coles, Robert W. *Football as a Surrogate Religion*. In: *A Sociological Yearbook of Religion in Britain*. Michael Hill (org.). London: SCM Press. 1975. 61-77.

Collins, Peter. *Religion and Ritual: A Multi-perspectival Approach*. In: *The Oxford Handbook of the Sociology of Religion*. Peter B. Clarke (org.). New York: Oxford University Press. 2009. 671-690.

Collinson, Ian. "Singing Songs, Making Places, Creating Selves: Football Songs & Fan Identity at Sydney FC". *Transforming Cultures e-Journal*, Vol: 4 num 1 (2009): 15-27.

Cova, Bernard. "Community and Consumption: Towards a definition of the 'linking value' of product or services". *European Journal of Marketing*, Vol: 31 num 3-4 (1997): 297-316.

Derbaix, Christian e Alain Decrop. "Colours and Scarves: an ethnographic account of football fans and their paraphernalia". *Leisure Studies*, Vol: 30 num 3 (2011): 271-291.

Desbordes, Michel. *Marketing and Football: An international perspective*. Oxford: Elsevier Ltd. 2007.

Dunning, Eric. *Sport Matters: Sociological Studies of Sport, Violence, and Civilization*. London: Routledge. 1999.

Durkheim, Émile. *As Formas Elementares da Vida religiosa*. Oeiras: Celta Editores. 2002.

Edwards, Harry. *The Sociology of Sport*. Homewood, Illinois: Dorsey Press. 1973.

Eitzen, D. Stanley. *Fair and Foul: Beyond the Myths and Paradoxes of Sport*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 2009.

Forbes, B. David e Mahan, Jeffrey H. *Religion and Popular Culture in America*. USA: University of California Press. 2005.

Fulconis, François e Gilles Pache "Football Passion as a Religion: the four dimensions of a sacred experience". *Society and Business Review*, Vol: 9 num 2 (2014): 166-185.

Giddens, Anthony. *Capitalismo e Moderna Teoria Social* (7ed.). Barcarena: Editora Presença. 2011

Giulianotti, Richard. *Football: A Sociology of the Global Game*. London: Polity Press. 1999.

Glock, Charles Y. "On the study of religious commitment. Religious Education: The official". *Journal of the Religious Education Association*, Vol: 57 num 4 (1962): 98-110.

Glock, Charles Y. e Rodney Stark. Religion and Society in Tension. Chicago: Rand McNally. 1965

Gluckman, Max. Politics, Law and Ritual in Tribal Society. Oxford: Oxford University Press. 1965.

Gómez-Bantel, A. "Football Clubs as Symbols of Regional Identities". Soccer & Society, Vol: 17 num 5 (2016): 692-702.

Goffman, Erving. Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face. Brasil: Editora Vozes, Lda. 2011

Guttman, Allen. From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports. New York: Columbia University Press. 2004.

Higgs, Robert J. e Braswell, Michael C. An Unholy Alliance: The Sacred and Modern Sports. Macon: Mercer University Press. 2004.

Hodge, David R. e Gillespie, David. "Phrase Completions: An alternative to Likert scales". Social Work Research, Vol: 27 num 1 (2003): 45-55.

Hoffman, Shirl J. Sport and Religion. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books. 1992.

Hoffman, Shirl J. "The Decline of Civility and the Rise of Religion in American sport". Quest, Vol: 51 num 1 (1999): 69-84.

Huizinga, Johann. Homo Ludens: Study of the Play Element in Culture. London: Routledge. 1980.

Hundley, Heather L. e Andrew C. Billings. Examining Identity in Sports Media. London: Sage Publications. 2009.

Jirásek, Ivo. "Religion, Spirituality, and Sport: From Religio Athletae Toward Spiritus Athletae". Quest, Vol: 67 num 3 (2015): 290-299.

King, Anthony. The European Ritual: Football in the New Europe. London: Routledge. 2017.

Koch, Alois. Sport - A Secular Religion? 2002. Obtido em 24 de setembro de 2017, disponível em: <http://www.con-spiration.de/koch/>.

Lambek, Michael. A Reader in the Anthropology of Religion. Oxford: Blackwell Publishers. 2002.

Le Bon, Gustave. As Opiniões e as Crenças. Rio de Janeiro: Garnier. 1922.

Lechner, F. J. "The Case against Secularization: A Rebuttal". Social Forces, Vol: 69 num 4 (1991): 1103-1119.

Lenski, Gerhard. The Religious Factor: A Sociological Study of Religion's Impact on Politics, Economics, and Family Life. New York: Doubleday and Company, Inc. 1961.

Liponski, Wojciech. "Sport: From Profound Religious Expressions to Secular Ritual, Stadion". *International Journal of the History of Sport*, Vol: 35 (2009): 67-86.

Lupson, Peter. *Thank God for Football!*. UK: Azure. 2006.

Magdalinski, T. e Chandler, T. J. *With God on their Side: Sport in the Service of Religion*. London: Routledge. 2002.

Marivoet, Salomé. *Tradição Religiosa, Corpo e Jogos Lúdicos*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. 2015. 94-108.

Maffesoli, Michel. *The Time of the Tribes: The Decline of Individualism in Mass Society*. London: SAGE Publications. 1996.

Maffesoli, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. SP, Brasil: Editora Vozes. 1998.

Mathisen, James A. *American Sport as Folk Religion: Examining a test of its strength*. In: *From Season to Season: Sports as American religion*. Joseph L. Price (org.). Georgia, USA: Mercer University Press. 2004. 141-158.

Mathisen, James A. *Sport*. Em *Handbook of Religion and Social Institutions*. Helen Rose Ebaugh (org.). USA: Springer. 2006. 285-304.

McCauley, Robert N. e Lawson, E. Thomas. *Bringing Ritual to Mind: Psychological Foundations of Cultural Forms*. Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

Morris, Desmond. *A Tribo do Futebol*. Lisboa: Publicações Europa-América. 1985.

Novak, Michael. *The Joy of Sports: End Zones, Bases, Baskets, Balls, and the Consecration of the American Spirit*. New York: Basic Books, Inc. Publishers. 1994.

Novak, Michael. *The Natural Religion*. Em *Sport and Religion*. Shirl J. Hoffman (org.). Champaign, Illinois: Human Kinetics Books. 1992. 35-42.

Nudelman, Arthur E. "Dimensions of Religiosity: A Factor-Analytic View of Protestants, Catholics, and Christian Scientists". *Review of Religious Research*, Vol: 13 num 1 (1971): 42-56.

Peiser, Benny. *Religion*. Em *Encyclopedia of British Sport*. Richard W. Cox; Grant Jarvie e Wray Vamplew (org.). Oxford. ABC-CLIO. 2000. 321-323.

Pivato, Stefano. "Soccer, religion, authority: notes on the early evolution of association football in Italy". *The International Journal of the History of Sport*, Vol: 8 num 3 (1991): 426-428.

Powers, Richard G. *Sports and American Culture*. In: *Making America: The Society and Culture of the United States*. Luther S. Luedtke (org.). University of North Carolina Press: Chapel Hill, NC. 1992. 272-286.

Price, Joseph L. *From season to season: Sports as American religion*. Georgia, USA: Mercer University Press. 2004.

Real, Michael R. "The Super Bowl: Mythic spectacle". *Journal of Communication*, Vol: 25 num 1-3 (1975): 1–43.

Russell, Gordon W. *Psychological Issues in Sports Aggression*. In: *Sports Violence*. Jeffrey H. Goldstein (org.). New York: Springer –Verlag. 1983. 157–181.

Sandvoss, Cornel. *A Game of Two Halves: Football, Television and Globalization*. London: Routledge. 2003.

Schroeder, Peter J. e Scribner, J. Paredes. "To Honor and Glorify God: the role of religion in one intercollegiate athletics culture". *Sport Education and Society*, Vol: 11 num 1 (2006): 39-54.

Serazio, Michael. "The Elementary Forms of Sports Fandom: A Durkheimian exploration of team myths, kinship, and totemic rituals". *Communication and Sport*, Vol: 1 num 4 (2013): 303-325.

Sipes, Richard G. "War, Sports, and Aggression: An Empirical Test of Two Rival Theories". *American Anthropologist, New Series*, Vol: 75 num 1 (1973): 64-86.

Taylor, Martyn e Taylor, Rogan. "Something for the weekend, sir? Leisure, ecstasy and identity in football and contemporary religion". *Leisure Studies*, Vol: 16 num 1(1997): 37-49.

Trothen, Tracy J. e Mercer, Calvin R. *Religion and Human Enhancement: Death, Values, and Morality*. Cham, Switzerland: Springer International Publishing AG. 2017.

Turner, Victor W. *Dramas, Fields and Metaphor*. Ithaca: Cornell University Press. 1974.

Turner, Victor W. *The Ritual Process*. Chicago: Aldine de Gruyter. 1969.

Wagg, Stephen. *Myths and Milestones in the History of Sport*. UK: Palgrave Macmillan. 2011.

Watson, Nick J. e Andrew Parker. *Sport and the Christian Religion: A Systematic Review of literature*. London: Cambridge Scholars Publishing. 2014.

## CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Observatorio del Deporte ODEP**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Observatorio del Deporte ODEP**.